

O Sujeito na Experiência Psicanalítica e nas Narrativas Contemporâneas: uma Abordagem na Filosofia de Žižek

Maria Anita Vieira Lustosa¹
Márcia Gardênia Lustosa Pires²

Resumo:

No presente artigo temos como objetivo primordial trazer reflexões sobre o processo de constituição do sujeito, em uma abordagem pautada no pensamento de Slavoj Žižek, (2009). Para tanto, se faz necessário enveredarmos no âmbito psicanalítico, mais especificamente nas apreensões de Freud e Lacan (2007) sobre a categoria sujeito, em uma análise teórica do conceito buscando compreender sua construção histórica e seus desdobramentos no campo da Psicanálise, bem como no âmbito da Filosofia. Desta feita, abordar, neste debate, o papel do sujeito no cenário das narrativas contemporâneas, requer compreender os diferentes significados que envolvem essa problemática, tecida em seus diferentes contextos e nas suas múltiplas dimensões no tempo presente.

Palavras-chave: Sujeito; Psicanálise; Inconsciente, Real

Abstract:

In this article we have as primary objective to bring reflections about the process of the subject's constitution in an approach based on Slavoj Žižek's thought (2009). Therefore, it is necessary to head for the psychoanalytic scope, specifically in Freud's and Lacan's (2007) seizures about the subject category, in a theoretical analysis of the concept, seeking to understand its historical construction and its implications in the psychoanalysis field, as well as in the context of Philosophy. Afterwards, to deal, in this debate the role of the subject in the scene of contemporary narratives requires understanding the different meanings involving this problematic, it's woven into their different contexts and in their multiple dimensions at the present time.

Keywords: Subject; Psychoanalysis; unconscious; real

Introdução

Neste ensaio privilegiamos a análise da relação sujeito e psicanálise contida na Psicanálise e na obra de Žižek (1999), no intuito de perceber as nuances que envolvem

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista REUNI-PROPAG/CAPES/UFC. Integrante da Linha de Pesquisa Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS). E-mail: anita_lustosa@hotmail.com.

² Professora do Instituto Federal de Ciência, Tecnologia e Educação da Paraíba (IFPB). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Integrante da Linha de Pesquisa Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS). E-mail: gardenialustosa@bol.com.br.

essas dimensões para a condição social do sujeito na contemporaneidade. Vale ressaltar que Žižek busca compreender o engendramento da problemática da sociabilidade hoje, na perspectiva da totalidade do real, tendo em vista que esta realidade é permeada por transformações das diversas ordens – políticas, econômicas e sociais.

As questões que envolvem as diversas abordagens sobre a categoria sujeito e a forma como este se constitui na sociedade não estão circunscritas a uma única área do saber. O estudo dessa questão se expressa em vários campos, tais como filosofia, psicologia, sociologia, dentre outras áreas do conhecimento e em diferentes tempos históricos.

Inicialmente convém dizer que, nos limites desse estudo, examinaremos esta categoria no arcabouço teórico da experiência psicanalítica e nas narrativas contemporâneas em uma abordagem pautada no pensamento de Slavoj Žižek (2009). Para tanto, se faz necessário esclarecer que enveredarmos no âmbito psicanalítico, mais especificamente nas apreensões de Freud e Lacan (Cf. ELIA, 2007) sobre a categoria sujeito, em uma análise teórica do conceito buscando compreender sua construção histórica e seus desdobramentos no campo da Psicanálise e da Filosofia.

As diferentes análises da categoria sujeito e seus desdobramentos nos diversos campos do conhecimento revelam a não existência de uma única compreensão para o termo, devido à pluralidade de significações que envolvem essa temática, quando tecida em diferentes contextos.

Se por um lado a filosofia (gnosologia), as concepções religiosas (dogmas), e a ciência com seus princípios pautados em procedimentos fundados na comprovação da verdade procuram dar respostas a essa questão, por outro lado, a psicanálise, centrada no saber sobre o inconsciente, também ensaia suas respostas. Para a Psicanálise, o sujeito é *locus* privilegiado de discussão desse campo do saber a partir da modernidade, por considerar que a busca por conhecê-lo pertence ao campo do inconsciente o que faz com que ela o integre seu *corpus* teórico (Cf. ELIA, 2007).

Podemos asseverar que com o aparecimento da psicanálise, emerge a compreensão da interferência de processos simbólicos e psíquicos na constituição do sujeito. Para a psicanálise o sujeito não nasce, mas se constitui por meio de processos simbólicos e psíquicos que apresentam uma lógica diferente da razão, pois, a categoria sujeito é “antes, do tipo que mais se impõe ao trabalho teórico do psicanalista do que dele decorre como construção” (ELIA, 2007, p. 16).

Observações como essas nos ajudam a compreender que para se fazer uma abordagem mais minuciosa do termo sujeito, em psicanálise, é imperativo que primeiro se retome o conceito de sujeito lacaniano. Tal imposição ocorre pela influência de Lacan ao introduzir na psicanálise aspectos não encontrados nos textos de Freud, posto que este não faz referência a essa categoria, e muito menos ela fora utilizada em estudos pós-freudianos (Cf. ELIA, 2007).

Na esteira de Lacan podemos asseverar que o marco da emergência do sujeito – o surgimento do sujeito, sendo uma criação igualmente moderna e conseqüentemente contemporânea ao surgimento da ciência – seria o aparecimento do conceito de angústia, da incerteza em relação aos acontecimentos incompreensíveis do novo mundo “desencantado” para o homem. Não foi por acaso que tal compreensão tenha passado a existir em um momento no qual poderíamos classificar de “momento de angústia da história do pensamento” (ELIA, 2007, p. 13), no qual podemos assinalar uma relação de equivalência entre essas duas formas de emergência: a do sujeito e a da angústia. (Cf. ELIA, 2007).

Descartes inaugura o debate sobre a emergência de um sujeito pensante, no qual se refere à descoberta do cogito (a certeza que o sujeito pensante apresenta de sua própria existência), sendo ainda imprescindível para suas análises a transposição de dois desafios: o primeiro seria a incredibilidade da razão e a extensão dos corpos como critério de verdade. O ideal de um sujeito autônomo e independente, consciente de si e do mundo, dotado de uma incondicional racionalidade é um dos alicerces de seu pensamento e do mundo moderno.

É notório que a antiguidade clássica não trabalhou com a noção de sujeito tal como a conhecemos hoje, uma vez que buscava se afastar das explicações míticas e centrava seus estudos na produção do pensamento racional, inaugurando, a discussão sobre o que vem a ser a realidade (*physis*), ou seja, a essência das coisas. Por outro lado, as narrativas contemporâneas se diferenciam dessa perspectiva filosófica por uma abordagem crítica da noção sujeito e de sua subjetividade.

A direção percorrida pela filosofia moderna centra-se principalmente na epistemologia do conhecimento, considerando a subjetividade como instância capaz de solucionar o problema da verdade, ou seja, da possibilidade de afirmarmos com veemência a verdade dos fatos. Assim, a filosofia moderna inaugura essa questão quando apreende a subjetividade como uma composição das formas de consciência. Essa consciência refere-se a um conhecimento de si e das coisas e, ao mesmo tempo, da

reflexão sobre o que venha a ser o conhecimento do conhecimento. Trata-se de centrar o foco das discussões não mais apenas no conhecimento do real (*kosmos*), ou da própria natureza, mas sobre o sujeito do conhecimento, como foco primordial de análise e de se questionar sobre como é possível o conhecimento das coisas.

O pensamento difundido na modernidade ao elevar o sujeito cognoscente como problema fundamental da filosofia moderna inicia uma reflexão sobre o próprio sujeito como um agente do saber. No movimento do ato de conhecer o sujeito se desdobra, agora, não mais como um mero correspondente do objeto conhecido. Trata-se não mais de apenas, ontologizar o sujeito, ou mesmo de tentar compreendê-lo por meio de conceitos metafísicos, mas de pôr em questão o pensar sobre o ser, ou seja, de questioná-lo como sujeito do saber (Cf. ELIA, 2007).

No decurso dessas análises situamos também as apreensões de Kant sobre a categoria sujeito, uma vez que suas exposições caracterizam com maior propriedade esse conceito, pois suas apreensões sobre o “sujeito transcendental” se aproximam muito mais do conceito de sujeito no qual a ciência se fundamenta a partir da modernidade.

Assim, ao partirmos do fundamento da ciência como protocolo de emergência da categoria sujeito, estamos ao mesmo tempo, estabelecendo uma correlação entre essas duas categorias (sujeito e ciência). Porém, ao passo em que a ciência estabelece as condições propícias para o surgimento do sujeito, podemos asseverar que esta não opera com ele, muito menos sobre ele, mas o exclui do seu campo operatório. Ao tempo em que é suposto pela ciência este acaba sendo excluído do seu campo de operação (Cf. ELIA, 2007).

Feitas essas considerações podemos inferir que se instaura aqui um campo fértil de debate, notadamente em relação ao sujeito privilegiado pela ciência moderna, uma vez que estão postas aí as condições para que a psicanálise possa agir sobre ele e com esse sujeito. Desta feita, a abordagem sobre o sujeito, no âmbito desta reflexão, remete ainda a compreensão de Lacan, quando reconhece que o sujeito com o qual a psicanálise opera não pode ser outro, senão o da ciência moderna, mesmo considerando que psicanálise e ciência se encontram em campos distintos de análises.

Neste ensaio centramos nossa atenção na abordagem psicanalítica e nas análises de Žižek (1999) sobre a noção de sujeito hegeliano/laciano com o intuito de melhor compreender o sujeito tal como o é ideado na psicanálise. Para tanto, estruturamos o presente trabalho em dois pontos de discussão. O primeiro aborda o sujeito na

experiência psicanalítica, proposta por Freud e Lacan (Cf. ELIA, 2007) com a finalidade de trazer uma compreensão mais ampla das análises sobre a categoria sujeito nessa linha de pensamento. Em um segundo momento, fazemos uma abordagem sobre o sujeito trabalhado por Žižek (2010) e sua real condição na sociedade contemporânea.

1. O sujeito na experiência psicanalítica: breve narrativa à luz das análises freudianas

Nessa seção tomamos como ponto de partida as análises sobre o sujeito na experiência psicanalítica, mais notadamente na abordagem de Freud (2007), quando elege a “palavra/linguagem” como um conceito fundamental. Está aí o ponto central da experiência psicanalítica ao operar por meio de dispositivos que convencionou chamar de “associação livre”. Mas o que vem a ser esse dispositivo da “associação livre”, para Freud?

A resposta a esse questionamento encontra fundamento quando considera que tal instrumento, na Psicanálise freudiana, consiste em propor ao sujeito que fale sem pensar sobre o que vier a sua mente, sem esbarros ou entraves, promovendo, assim, uma espécie de emergência do sujeito do inconsciente por meio da fala. Pois, se para Freud o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a palavra seria, portanto, seu campo de acesso. (ELIA, 2007)

Para ilustrar o privilégio que Freud atribui a fala, ao conceder a esta um papel preponderante para a emergência do sujeito do inconsciente, recorreremos aqui a uma passagem que revela seu posicionamento. Nas palavras de Elia,

Desqualificar a fala do sujeito equivale, portanto, a criar as condições de desqualificação, de ausência de qualidades, que pavimentam as vias de acesso do inconsciente à fala, ao discurso concreto do sujeito. Desqualificar a fala do sujeito é o equivalente a ‘qualificar’ o sujeito do inconsciente como ‘um sujeito sem qualidades’ e é a única forma de criar um acesso precisamente pela via da fala assim proposta a que o sujeito do inconsciente possa emergir nessa fala (ELIA, 2007, p. 19).

Evidenciamos que nessa experiência de emergência do inconsciente pela fala, proposta por Freud, o foco de análise não é a pessoa que fala, mas sim o que se fala e como se fala, fazendo com que ela se torne uma via de acesso a campos desconhecidos, inclusive pelo próprio autor da fala, atribuindo assim, todo o mérito à palavra do sujeito que fala. Convém ressaltar que se para Freud a fala seria sua única via de acesso ao inconsciente do sujeito, na qual, seguindo seu rigor e método poderá emergir um sujeito ‘sem qualidades’, estas qualidades, múltiplas, carregadas de valores, crenças ideais e de

sintomas, poderiam obscurecer a matriz na qual o sujeito se estrutura, dificultando, assim, o trabalho do analista.

Freud se refere ao inconsciente como sendo um conceito fundamental, o qual ele intitula de “conceito de base, conceito-pilar” (*apud* ELIA, 2007, p. 16), e considera que é por meio dele que a experiência psicanalítica se estabelece. Nesse sentido, a experiência psicanalítica sobrevém por meio de instrumentos que auxiliam e determinam as condições ideais de manifestação do sujeito do inconsciente. Mas não há como falar de manifestação do inconsciente, mediado pela linguagem, em Freud, sem nos referirmos a duas coisas essenciais à experiência psicanalítica: a resistência e a transferência.

Assim, é preciso acrescentar, a transferência no entender de Freud, constitui “a própria presentificação do inconsciente sob a forma de uma relação de objeto, ou seja, o modo pelo qual o inconsciente se atualiza” (*apud* ELIA, 2007, p. 31). No que diz respeito à resistência, esta se constitui como um ato de defesa do sujeito, no qual se estabelece um nível de redução da consciência (o subconsciente), um ponto de fuga, em que o sujeito se permite não conhecer os seus traumas, no qual o sujeito nega inclusive seus desejos. No que concerne a transferência Freud demorou a atribuir significado as suas manifestações e em alguns casos, chegou até a considerá-la como sendo uma espécie de “forma particular de resistência” (ELIA, 2007, p. 28/31).

Instaura-se aqui um dilema posto pela psicanálise, quando esta indaga esse sujeito que na ciência moderna aparece como dono do saber, por meio da autonomia da razão – que favorece a ascensão humana pelo uso das faculdades intelectuais. Isto parece cair por terra quando se apresentam as questões postas pela psicanálise, posto que ela irá questionar, indagar esse sujeito, esse domínio da razão, esse saber, instaurando a dúvida no campo das possibilidades do sujeito, ou melhor dizendo, sobre a capacidade do conhecimento pleno do sujeito desse campo de operação.

O debate sobre a categoria sujeito, quando tomado por esta linha de raciocínio, impõe situar a abordagem feita por Lacan, uma vez que, em uma leitura lacaniana, as análises do inconsciente não consideram apenas a linguagem como um conceito fundamental de análises. Lacan, por outra via, opera um desvio a inflexão freudiana quando considera a linguagem como uma condição inerentemente humana, ou seja, morada do ser. Para Lacan, a linguagem não seria uma criação exclusivamente humana, por considerar o ser como habitante da linguagem. Lacan passa de uma aceitação da

crítica da subjetividade, a defesa do cogito cartesiano, tomando-o de forma “paradoxal e contra-intuitiva, como sujeito do inconsciente” (ŽIŽEK, 1999, p. 11).

Neste sentido, consideramos oportuno para este debate situarmos o pensamento de Žižek, visto que referido teórico privilegia também em suas análises o papel do inconsciente na constituição do sujeito, enveredando, porém, pela via lacaniana e hegeliana de análise. Nas palavras de Žižek, o inconsciente não é terreno específico das pulsões arrebatadoras que devem ser contidas pelo eu (consciente), “mas o lugar onde uma verdade traumática fala abertamente [...] verdade com a qual devo me identificar, mas uma verdade insuportável com a qual devo aprender a viver” (ŽIŽEK, 2010, p. 9).

Essa forma de emergência do sujeito, pela via da psicanálise, engendra uma forma própria de conceber o sujeito, que se opõe de modo radical a outras formas conceituais de formulação. Principalmente, no campo específico da psicologia, que é plural, comportando, portanto, várias denominações para o termo.

No tópico subsequente, destacamos a problemática da constituição do sujeito debruçando-nos sobre o pensamento de Slavoj Žižek, suas reflexões sobre sujeito e sua condição na sociedade atual.

2. Breves considerações sobre o sujeito em Žižek

A opção pelo estudo da categoria sujeito, nesta seção, a luz do pensamento de Žižek se justifica por suas análises, de teor crítico com intervenções nos mais variados temas, remeterem ao sujeito do tempo presente.

Na definição de sujeito elaborada por Žižek (2003), há uma forte influência da definição de sujeito lacaniano, que apreende o processo de constituição do sujeito, do ponto de vista da autogeração. Nessa compreensão há um incessante retorno ao sujeito existente, ao que “era”, não na perspectiva de um desprezo, ou mesmo morte do sujeito, como no caso de Foucault (1999).

Žižek em suas análises reconhece a importância dos processos psíquicos e simbólicos, bem como do real na constituição do sujeito, não desprezando nessa relação “aquilo que escapa”, ou seja, o que é produzido pela dialogicidade analítica. Nesse entendimento há uma “transparência autorreflexiva da consciência e do *telos* regulador da comunicação, ao insistir na especificidade do campo do inconsciente.” (ŽIŽEK, 2003, p. 182).

E, portanto, não há como se afastar da imediaticidade de uma experiência de origem, uma vez que Žižek apreende ser o sujeito àquilo que se definiria por resistir continuamente aos processos de autorreflexão. Segundo Safatle (2003), essa interpretação de Žižek para o sujeito lacaniano retrata este conceito na perspectiva da negação; melhor dizendo, por uma possibilidade para a “razão centrada na consciência que não implicaria necessariamente no abandono ou desprezo da subjetividade” (SAFATLE, 2003, p. 182).

Compreendendo o sujeito na sua relação homem/mundo, que produz implicações para a subjetividade humana, é que situamos as reflexões feitas por Žižek, quando este assevera que a atividade do sujeito, em seu aspecto mais fundamental é a atividade de sujeitar-se ao inevitável: o objeto paraláctico (ŽIŽEK, 2008, p. 31).

Essa definição de Žižek se ancora na concepção hegeliana de sujeito para fundamentar sua afirmação, uma vez que Hegel compreende ser o sujeito e o objeto, “sempre mediados, de tal modo que uma mudança epistemológica do ponto de vista do sujeito, sempre reflete uma mudança ontológica do próprio objeto” (ŽIŽEK, 2008, p. 32).

Nesses termos, Žižek recorre a Hegel e Lacan para embasar a construção de sua teoria do sujeito. Seu pensamento em relação à denominação do sujeito em Hegel se refere a defini-lo como

[...] o simples movimento de autodecepção unilateral, da hubris de pôr-se em particularidade exclusiva que necessariamente volta-se contra si mesma e termina em autogeração. (ŽIŽEK, 1991, p. 77)

Essa inferência faz alusão ao constante movimento de constituição do sujeito, (numa articulação entre sujeito e negação), que transparece certo ideal emancipatório para o sujeito do mundo contemporâneo, nas apreensões de Žižek. Nesse viés, tal empreitada revela uma “ontologia negativa” (SAFATLE, 2007, p. 183).

Emblemática, neste sentido, é a categoria o sujeito incômodo, para Žižek que toma como aspecto central a defesa da subjetividade cartesiana, considerando que a psicanálise deve ser uma ciência da linguagem habitada pelo sujeito, caracterizando-se como casa de tortura. Ou seja, para Žižek, o sujeito é a todo instante atormentado pela linguagem, sendo inclusive incapaz de comandar sua própria casa. Segundo Žižek, o sujeito lacaniano é o sujeito torturado, mutilado (Cf. ŽIŽEK, 1999).

Considerações Finais

O esforço teórico aqui empreendido no sentido de pensar a condição do sujeito do tempo presente, a luz das narrativas contemporâneas contidas na Psicanálise e na obra de Žizek (1999), nos conduziu a percepção das diversas nuances que envolvem a constituição do sujeito, implicado por mudanças sociais profundas, nas mais variadas esferas da vida social.

Nesse cenário, podemos inferir, com base em Žižek (1999), que o sujeito é a representação simbólica da reprodução social instituída pela ordem vigente. Ou seja, somos a todo o momento, influenciados por ideologias – sobretudo, aquelas de apelo hegemônico reproduzidos e perpassados no âmbito social - que podem abalar nossas concepções e, em certa medida, acabam reproduzindo conceitos assentados pela realidade social na qual estamos inseridos.

Feitas essas considerações podemos concluir que buscar compreender a constituição do sujeito no contexto mais atual, impõe considerar as implicações, na formação desse sujeito, da lógica de funcionamento da grande fábrica de sonhos e de ilusões vendidas no projeto societário vigente (Cf. ZIZEK, 2009).

Em suma, as reflexões aqui tecidas buscam evidenciar o paradoxo no qual o sujeito se enreda nas condições postas pelo contexto social recente. Nestes termos indagamos: que tipo de sujeito está sendo constituído?

Referências Bibliográficas

ELIA, Luciano. **O Conceito de Sujeito**. Rio de Janeiro. 2ª edição: Jorge Zahar. 2007.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

_____. *A política do real de Slavoj Žizek*. In: Slavoj Žizek. (Org.). **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, p. 179-191.

ZIZEK, Slavoj. **Como Ler Lacan**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **O Sujeito Incômodo: O Centro Ausente da Ontologia Política**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

_____. **A Visão em Paralaxe.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

_____. **Bem-vindo ao Deserto do Real.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **O mais sublime dos históricos: Hegel com Lacan.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1991.